

24 de Octubre de 2011 / 24 de Outubro de 2011

Argentina – Clarín

El Mercosur debe proteger sus intereses

El pasado 7 de octubre los presidentes de la Comisión de la Unión Europea (UE) y de Brasil reiteraron su voluntad de terminar el Acuerdo birregional de Libre Comercio que se negocia desde hace más de una década y continuará depurándose el mes que viene en Montevideo.

Tras reunirse en Bruselas, José Manuel Barroso y Dilma Rousseff quisieron dejar dos mensajes referenciales.

El primero, que el Mercosur y la UE obtendrían “enormes ganancias políticas y económicas” si hacen lo necesario para arribar a un texto común .

El segundo, que las partes deberían concebir un Acuerdo “ambicioso y balanceado” sin descuidar “los intereses específicos ni las áreas sensibles que hay en cada región”.

En apariencia, los líderes se esmeraron en llevar calma a quienes temen la licuación de las políticas comerciales defensivas (como las aplicadas a la agricultura europea o a ciertas industrias complejas del Mercosur).

Pero e l mismo lenguaje puede desilusionar a los actores económicos que esperaban un horizonte menos acotado para sus exportaciones.

Esa forma de marcar la cancha también incluye el anuncio de que la Unión Europea propone “indemnizar (subsidiar) a los productores agrícolas que pierdan” con este Acuerdo y el persistente vuelco, al ámbito regional, de demandas exóticas que nunca flotaron en la OMC y no son seriamente cuantificables.

El Mercosur se orientó a buscar mayor espacio para sus exportaciones agrícolas y agroindustriales.

24 de Octubre de 2011 / 24 de Outubro de 2011

A fines de 2009 el Mercosur se autoimpuso la absurda restricción de limitarse a requerir mayor acceso a los mercados y no insistir, “por ahora”, en incorporar reglas para neutralizar los subsidios agrícolas europeos en el ámbito de este Acuerdo. Se apoyó en la misma receta que fuera inservible para rescatar las negociaciones del ALCA.

Ante el actual y previsible estancamiento de la Organización Mundial del Comercio (OMC), alguien debería explicar por qué los países en desarrollo del Mercosur parecen dispuestos a conceder un generoso “trato especial y diferenciado” a un bloque de naciones que aún figuran entre las más desarrolladas del planeta.

Por si faltara algo, cinco días después de esa Cumbre, el Comisario de Agricultura de la UE presentó el proyecto de Política Agrícola Común (PAC) para el período 2014/2020. Sólo un brote de racionalidad de los ministros europeos de Finanzas podría evitar que los subsidios de la nueva Política Agrícola Común sean iguales a los autorizados para el ciclo que finaliza en el 2013, o sea, unos 55.000 millones de euros por año.

Y aunque el Mercosur mantiene el prioritario interés por lograr un buen acuerdo con la UE, no sería lógico que lo hiciera sin conseguir reglas equilibradas y sin asegurarse la efectividad y legalidad de las concesiones que reciba, ya que sería tonto abrir mercados para beneficiar a competidores de países ajenos a esta negociación.

Todos deberían saber ya que es absolutamente inútil nadar sin mojarse.

Brasil - Jornal do Senado

Aprovada equivalência educacional entre países do Mercosul

Integrantes da Representação Brasileira no Parlasul debatem educação nos países do bloco

La Selección de Noticias del MERCOSUR reúne notas de prensa de distintas fuentes. Esta Selección no refleja la opinión ni posición oficial del Parlamento del MERCOSUR; su contenido es incluido sólo como una referencia a los visitantes de nuestra página en Internet. / A seleção de notícias do MERCOSUL reúne notícias de imprensa de distintas fontes. Esta seleção não reflete a opinião e posição oficial do Parlamento do MERCOSUL, sendo apenas uma referência aos visitantes do nosso site.

2

24 de Octubre de 2011 / 24 de Outubro de 2011

O reconhecimento mútuo de títulos e certificados de ensino fundamental e médio entre Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai, Bolívia, Chile e Venezuela venceu a primeira etapa no Congresso. Na segunda-feira, os integrantes da Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul (Parlasul), aprovaram parecer favorável à Mensagem 436/10 do governo que submete o assunto ao Legislativo.

A Tabela de Equivalências anexa ao Protocolo de Integração Educativa e Reconhecimento de Certificados, Títulos e Estudos de Nível Fundamental e Médio Não Técnico, foi firmada em junho de 2008, na Cidade de San Miguel de Tucumán, na Argentina. A mensagem do governo, que teve voto favorável do relator, senador Inácio Arruda (PCdoB-CE), apresenta decisão do Conselho do Mercado Comum (CMC) do Mercosul, que atualizou a tabela.

Em seu texto, Inácio Arruda ressalta que, além da integração econômica e comercial dos países sul-americanos, é necessário também esforços para a integração “de atividades humanas básicas”, como educação e cultura.

A tabela apresenta equivalências para todas as séries do Ensino Fundamental e Ensino Médio (não técnico) do Brasil em relação aos outros seis países.

A Representação Brasileira também aprovou a realização de audiência com a presença do coordenador do Centro de Relações Internacionais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Matias Spektor. O colegiado vai debater as atuais condições econômicas, políticas e institucionais do Mercosul em razão da possibilidade de adesão de novos membros ao bloco.

Também foi aprovado parecer favorável à Mensagem 374/11, que submeteu ao Congresso o texto da decisão do CMC intitulada “Contribuições para o Orçamento da Secretaria do Tribunal Permanente de Revisão”, aprovada em Montevideú, em novembro de 2010.

24 de Octubre de 2011 / 24 de Outubro de 2011

Brasil – Carta Capital

Cristina na cabeça

Cristina Fernández de Kirchner adentrou o palco do Teatro Coliseo na quarta-feira 19, em Buenos Aires, com olhar de vitória. Confetes celestes e brancos, as cores da bandeira argentina, choveram na candidata do Partido Peronista para a presidencial deste domingo 23. Na plateia apinhada a prestigiar a futura presidenta no encerramento da sua campanha na capital, ministros, governadores, dirigentes da central operária CGT e as Mães e Avós da Praça de Maio a aplaudiram de pé.

A certeza de Cristina, como é conhecida, na reeleição tem fundamento. Neste país-alheio a um sistema estruturado de partidos políticos, a oposição, incapaz de selar alianças, está fragmentada. Além do mais, após as primárias de 14 de agosto, legendas foram impedidas de formar coalizões, de acordo com a legislação em vigor. Nesse quadro pouco atraente, opositoristas, os candidatos à Presidência, incluindo o socialista Hermes Binner, mais bem colocado segundo pesquisas de intenção de voto, contentam-se com um segundo lugar – em miúdos, meros 15% dos votos, se muito.

E, como é sempre o caso, a maior força de um candidato é uma economia bem engrenada, caso, pelo menos na aparência, da Argentina sob Cristina. Com crescimento do PIB de 9,2% em 2010, os argentinos "creem que a economia vai de vento em popa", diz Adrian Ventura, articulista do diário conservador La Nación, para CartaCapital. O povo consome como se estivesse rico, emenda Ventura. Mas, infelizmente, não se dá conta de que está protegido, pelo menos por ora, por meios de transferências, subsídios e acordos salariais generosos.

O futuro de Cristina no poder parece ser, por ora, tranquilo, de forma geral o argentino parece preferir não mexer no time enquanto ele vence. Em miúdos, foca-se no curto prazo. Essa linha política, de qualquer forma, parece render frutos para objetivos eleitorais. Pesquisas de intenção de voto, apontam, já no primeiro turno,

24 de Octubre de 2011 / 24 de Outubro de 2011

a vitória de Cristina, com entre 51% e 55% dos votos. "A questão não é se Cristina vai ganhar, mas por quantos votos a mais ganhará de seus adversários", sintetiza Alfredo Catoira, diretor de informática da Corte Suprema de Justiça, de 60 anos.*

Para ser eleita, Cristina precisa superar 45% dos votos. Também vence se obtiver o apoio de 40% do eleitorado, caso o segundo colocado esteja ao menos 10% na retaguarda. De fato, já nas primárias, realizadas em 14 de agosto, Cristina angariou 50,07% dos votos. Em outras democracias, obter pouco mais de 50% da confiança do eleitorado não é nada notável. Na França de Nicolas Sarkozy, por exemplo, a oposição esquerdista continuou a ter forte impacto na política. Mas a Argentina é um país diferente.

Por causa, justamente, dessa oposição dividida, a presidenta poderá atuar como se tivesse o apoio de uma vasta maioria da população. Ademais, nesse tablado partidário, os argentinos votam no indivíduo, não em legendas ou políticos com programas bem delineados. Cristina, cujo programa se baseia em prover os menos favorecidos graças aos altos preços das commodities a favorecer seu país, só tem a ganhar.

Carismática, eficaz oradora, essa advogada de 58 anos tem méritos. Conheceu o ex-presidente Néstor Kirchner, falecido no fim de 2010, na universidade. Mudou-se de sua cidade natal, La Plata, capital de Buenos Aires, para Santa Cruz, na Patagônia, de onde o marido era oriundo. Lá, Cristina, juntamente com o marido construiu sua carreira política. E criou o kirchnerismo, um suposto continuísmo do peronismo. Foi deputada, senadora, cumpriu um mandato como presidenta. Na Casa Rosada, já presidenta a partir de 2007, lidou com desembaraço com questões de abusos dos Direitos Humanos, e legalizou casamentos do mesmo sexo. Criou elos com sindicatos. Como o marido, manteve vivo o marketing para promover o kirchnerismo.

No plano internacional, a presidenta Cristina voltou a negociar com o Fundo Monetário Internacional. Fez mais: deu início a novas negociações a respeito das dívidas da Argentina com o Clube de Paris. Tanto na Argentina quanto no plano internacional, era inevitável que ela fosse comparada à mítica Eva Perón. Essa lendária ex-dançarina de cabaré conquistou as massas ao lado de seu marido. Juan

5

La Selección de Noticias del MERCOSUR reúne notas de prensa de distintas fuentes. Esta Selección no refleja la opinión ni posición oficial del Parlamento del MERCOSUR; su contenido es incluido sólo como una referencia a los visitantes de nuestra página en Internet. / A seleção de notícias do MERCOSUL reúne notícias de imprensa de distintas fontes. Esta seleção não reflete a opinião e posição oficial do Parlamento do MERCOSUL, sendo apenas uma referência aos visitantes do nosso site.

24 de Octubre de 2011 / 24 de Outubro de 2011

Domingo Perón, mas jamais seduziu as classes médias e altas. Quiçá Cristina tenha ido mais longe: conquistou todas as classes sociais, incluindo as mais abastadas.

Assim como Evita, Cristina tem carisma e gosta de se vestir bem. Mas as comparações terminam aí. Cristina nasceu em berço da classe média, Evita vinha do meio pobre da sociedade rural. A carreira meteórica como política de Cristina distingue-se daquela de Evita, impossibilitada de aliar-se oficialmente ao marido por causa da resistência dos militares e das oligarquias. Evita tinha um câncer que a matou aos 33 anos. Quando ocupou o cargo de presidenta pela primeira vez, Cristina tinha 54 anos. Seu filho completara 30.

Diferenças à parte, na noite de quarta-feira, no Teatro Coliseo era difícil distinguir a oratória de Cristina daquela de Evita. "Não tenho rancores de ninguém", anunciou Cristina. "Temos de deixar de lado as questões menores" para encontrar um "ponto de união com o objetivo de superar as diferenças sem perder a identidade". Acrescentou: "Convoco todos os dirigentes do país à unidade nacional para trabalhar uma Argentina diferente".

A presidenta quis também mostrar como a Argentina está integrada nesse bloco emergente que é a América Latina. Faz sentido o posicionamento. E é preventivo: diante de uma crise global que poderá afetar as commodities argentinas e deixar o Brasil vulnerável, melhor estreitar os laços com o poderoso vizinho. Como escreveu Alcadio Onã, do diário El Clarín: "Dançamos ao ritmo da soja e da economia brasileira".

"Somos gente do Mercosul, da Unasul (União das Nações Sul-Americanas)", afirmou Cristina no seu discurso no Teatro Coliseo. "Somos orgulhosamente latino-americanos e, se fizermos uma integração inteligente, poderemos ser protagonistas do século XXI porque como região produzimos alimentos e energia."

Em trajes negros, de luto por Néstor, Cristina recordou o marido. Agradeceu aos "milhões de argentinos" que a ajudaram neste ano particular. "Tanto como presidenta quanto como mulher." Voltou-se então para os filhos, Máximo, de 32 anos, e Florencia, de 21, e, lágrimas nos olhos, disse "Ele (Néstor) está em todos os lugares, mas neles está mais do que em nenhuma parte".

La Selección de Noticias del MERCOSUR reúne notas de prensa de distintas fuentes. Esta Selección no refleja la opinión ni posición oficial del Parlamento del MERCOSUR; su contenido es incluido sólo como una referencia a los visitantes de nuestra página en Internet. / A seleção de notícias do MERCOSUL reúne notícias de imprensa de distintas fontes. Esta seleção não reflete a opinião e posição oficial do Parlamento do MERCOSUL, sendo apenas uma referência aos visitantes do nosso site.

6

24 de Octubre de 2011 / 24 de Outubro de 2011

Uma fonte, professora de direito da Universidade de Buenos Aires, que prefere não ser citada por ter tido problemas para ser promovida no mundo acadêmico e jurídico por causa das interferências de Cristina em relação a certos postos, é crítica quanto ao uso pela presidenta da imagem do marido morto. "Ela usa um pieguismo do mais baixo nível para seduzir o povo." Indagada se essa conduta corresponde àquela de Evita, a fonte retrucou: "Claro, as comparações, bem ou mal, de Cristina com Evita são mais do que válidas".

Há quem discorde da fonte acima citada. Eric Nepomuceno, jornalista e escritor especializado em América Latina, disse em recente entrevista a CartaCapital que a capitalização política da figura de Néstor Kirchner por Cristina foi similar ao uso da figura do ex-presidente Lula pela então candidata Dilma Rousseff, em 2010. "Ninguém fala que Cristina tem uma militância política mais antiga e ativa do que o seu marido", opinou Nepomuceno. "Dilma, por exemplo, falava constantemente de Lula. uma jogada de marketing legítima, e ela seria muito tola se não o fizesse."

Nepomuceno pode ter razão, mas em termos. Dilma surge à sombra do presidente mais popular da história do Brasil. Mas, claramente, o apelo ao marido falecido é muito maior e penetra zonas obscuras. A morte, parece claro, tem outro impacto no eleitorado que viveu sob dois mandatos de um presidente popular como Nestor Kirchner. Se Lula tem chances, teoricamente, de voltar a ser presidente, esse não é mais o caso de Kirchner.

Cristina continua a construir a imagem de seu falecido marido para ganhar mais popularidade. Por exemplo, o mausoléu de 600 metros quadrados de Kirchner, avaliado em milhões de pesos, a impor-se em um modesto cemitério de Rio Gallegos, na Patagônia, com inauguração prevista para o dia 27, escassos dias após a eleição, tem um valor simbólico: o kirchnerismo vive, mas agora sob a tutela de Cristina.

O kirchnerismo, de fato, é outro movimento que soa, no mínimo, nebuloso. Baseia-se em uma nostalgia por um passado ambíguo, no qual movimentos de diferentes tendências ideológicas se confundem. E, como disse Alfredo Catoira, esse "pêndulo

La Selección de Noticias del MERCOSUR reúne notas de prensa de distintas fuentes. Esta Selección no refleja la opinión ni posición oficial del Parlamento del MERCOSUR; su contenido es incluido sólo como una referencia a los visitantes de nuestra página en Internet. / A seleção de notícias do MERCOSUL reúne notícias de imprensa de distintas fontes. Esta seleção não reflete a opinião e posição oficial do Parlamento do MERCOSUL, sendo apenas uma referência aos visitantes do nosso site.

24 de Octubre de 2011 / 24 de Outubro de 2011

a oscilar entre direita e esquerda faz parte da sabedoria do hábil Perón". O motivo? "Nos anos em que estee no poder, Perón soube unir todos os movimentos em seu proveito".

De Perón, admirador de Mussolini, nasceu essa corrente peronista que engloba nacionalismo, independência internacional e um governo forte. Como diz a professora de direito da Universidade de Buenos Aires que prefere o anonimato, Perón trouxe coisas positivas, como os direitos aos trabalhadores. No entanto, o nacionalismo, "último refúgio do canalha", como já dizia no século XVIII o doutor Johnson, hoje é coisa para o lixo. Se por governo forte entende-se ajuda ao povo em momentos de crise econômica, tudo parece correr dentro dos trilhos. Perón, como Mussolini, e outros líderes com inclinações autocráticas, não é, porém, flor perfumada. Na adversidade, esses líderes são capazes de tudo. "Sofremos muito sob Perón", resumiu Angelita Catoira, professora e diretora aposentada de segundo grau.

Aos 81 anos, Angelita não aceita, ao contrário dos mais de 50% que votam em Cristina, o fato de os Kirchner terem se enriquecido, com suas palavras, "vendendo a Patagônia aos chilenos". Isso, diga-se, aconteceu. Em El Calafate, pequena cidade na província de Santa Cruz, na Patagônia. Lá os Kirchner fizeram fortuna com casas, lotes, apartamentos, hotéis etc. Desde que chegou à Casa Rosada, em 2003, o casal multiplicou em mil por cento o patrimônio da família.

Houve. como se deve, investigações sobre o enriquecimento dos Kirchner. Processo arquivado. Motivo? Diz Elisa Carrió, candidata presidencial da Coalizão Cívica: "Às vezes, as máfias são eleitas".

Exagero? Mas a que ponto? Há motivos para crer que não fica tão longe de uma análise correta. Por exemplo, Julio Grondona foi eleito, aos 80 anos, pela nona vez, presidente da Associação Argentina de Futebol (AFA). Grondona, cria do regime ditatorial argentino, tem nove vidas. O que é incrível em uma democracia como a da Argentina. No entanto, Cristina aceita sua presença.

24 de Octubre de 2011 / 24 de Outubro de 2011

Uruguay – El País

El Mercosur se vacía de contenido

Al parecer la tormenta de los autos amainó, nadie sabe por cuánto tiempo, como tampoco se conoce a ciencia cierta en qué consiste el acuerdo firmado. Por un lado se dijo que habría 100 nuevas excepciones al arancel externo común, de dónde Uruguay, haciendo lo que históricamente hizo, podría reducirlo para 100 posiciones de materias primas, insumos intermedios, bienes de capital o tecnología de la información. Eso le permite tener mayor capacidad de competencia al acceder a bienes esenciales a mejores precios que los regionales lo que en el fondo, aunque por afuera del espíritu del acuerdo, sería bueno para Uruguay. Pero desde otras fuentes oficiales, el mensaje fue que las mencionadas posiciones no serían libres para cada país sino que su fijación debería ser consensuada, para todos iguales y que solo se pueden utilizar a efectos de subir el arancel hasta el máximo que permite el consolidado de la Organización Mundial del Comercio. Es decir, Argentina y Brasil pondrán la lista y, tal como están las cosas, política de sumisión mediante, diremos perfecto y, en el mejor de los casos lo que haremos es no subir nuestro arancel, para evitar lo que, correctamente, ha señalado el Ministro Lorenzo, auto infligirnos un daño adicional. A su vez, el aumento en el porcentaje de integración regional para los vehículos hará más difícil que las industrias radicadas en Uruguay puedan cumplir, lo que agrava la falta de productividad de la mano de obra y la baja contratación a la tarea que tenemos. El resultado es como mínimo malo, todo indica que entregamos mucho, incluso desde el punto de vista conceptual y en contra de nuestra histórica postura de defensa de lo mejor para Uruguay, a cambio de nada. En determinado momento se llegó a decir que Brasil nos incluyó en la lista por error; de ser así, nada había que acordar, Brasil solo iba a enmendarlo apenas se lo hiciéramos saber.

Si lo anterior no fuera suficiente, Uruguay declara explícitamente que apoya el programa "Brasil maior", una "remake" de la fracasada política proteccionista, semi-autárquica, mezclada de nacionalismo con más de medio siglo de antigüedad. La suprema expresión de la misma se puede resumir en las expresiones del

24 de Octubre de 2011 / 24 de Outubro de 2011

Ministro de Finanzas, Guido Mantega al decir, "el mercado doméstico es para los brasileños, no para importadores aventureros". La frase es el mejor resumen del atraso conceptual que solo conduce al retraso en el desarrollo. En los últimos años hemos visto a Brasil crecer básicamente en base a exportaciones de materias primas y aumento de consumo privado derivado de la mejora de los términos del intercambio. Su industria anda a los tumbos y de desarrollo de tecnología de punta ni hablamos. El ejemplo de Steve Jobs, como Bill Gates y otros, nos debería enseñar lo bueno que es la competencia y el mercado abierto para el desarrollo, pero claramente aplicamos todo lo contrario. Brasil protegió como nadie a su industria, a toda, sin medida ni excepción y, pese a ser un país grande, con buen mercado doméstico y dotado de enormes recursos naturales aquella, salvo algún sector casual, no tiene mayor capacidad de competir en el mundo, y por ende termina dependiendo de la región adonde básicamente exporta.

Afortunadamente nuestro país, al menos a estar por reiteradas declaraciones del jefe del equipo económico, el Ministro Lorenzo, no comparte esta visión.

HISTORIA. En sus orígenes, el acuerdo era netamente comercial, planteado como un regionalismo abierto y, por tanto, la idea era expandir el comercio intrazona mediante desgravaciones automáticas y progresivas, fortalecerse en la competencia aprovechando lo mejor de cada parte para ir, progresivamente, abriéndose al mundo. Era un esquema de apertura posible, compartible o no, pero nunca se lo podía tildar de descabellado. Las cosas más o menos funcionaron hasta que las dificultades comenzaron a aparecer; allí las agendas domésticas y la falta de institucionalidad mostraron que en realidad nada de fondo existía, y mucho menos el necesario "affectio societatis" y amplitud de miras de parte de los socios mayores, Argentina y Brasil, al inicio en especial este último. El retroceso comenzó, aún cuando nuestro mundo comenzó a cambiar en 2003 y los vientos favorables hicieron más fáciles las cosas, solo se advierte deterioro, violaciones al tratado y, en ciertos casos, hasta destrato hacia los más pequeños. Todos sabemos, Brasil es imperial, su cancillería se mueve con ese parámetro, mientras Argentina se vanagloria de estar fuera del mundo y no respetar ninguna regla. Con este fondo cualquier persona sensata diría que es imposible acordar algo perdurable, ni aún gobiernos de supuestas ideologías afines.

La Selección de Noticias del MERCOSUR reúne notas de prensa de distintas fuentes. Esta Selección no refleja la opinión ni posición oficial del Parlamento del MERCOSUR; su contenido es incluido sólo como una referencia a los visitantes de nuestra página en Internet. / A seleção de notícias do MERCOSUL reúne notícias de imprensa de distintas fontes. Esta seleção não reflete a opinião e posição oficial do Parlamento do MERCOSUL, sendo apenas uma referência aos visitantes do nosso site.

10

24 de Octubre de 2011 / 24 de Outubro de 2011

Ciertamente la miopía de Brasil ha sido proverbial, queriendo representar a un bloque en el concierto internacional y al mismo tiempo no solo no está dispuesto a pagar ningún costo, sino que por el contrario intenta ahogar a los más chicos. Es posible que nuestra cancillería piense que la entrega que estamos haciendo es lo mejor, pero todos deben tener presente que en algún momento ésta va a cambiar, aún cuando el partido que gobierna sea el mismo y entonces, las cosas no le serán tan fáciles como le fueron en el pasado.

Las medidas que adoptan tanto Brasil como Argentina constituyen un brutal freno a la competencia y entonces lo único que logran es retrasar el progreso. La lógica es más reservas de mercados, menos inversión, menos innovación, menos riesgo, menos desarrollo. Es tan simple que parece hasta mentira que quienes se proclaman defensores de los sectores más postergados apliquen políticas que conduzcan a la postración.

LA "EXCUSA CHINA". Ciertamente, nadie puede defender a China como un prodigio de competencia limpia. Brasil argumenta que se quiere defender de China, y está en su derecho hacerlo pero, que para ello afecte a sus socios desde hace más de veinte años debería, al menos, probar que éstos están haciendo cosas con dicho país por fuera del acuerdo, cosa que no ha hecho. El mayor problema hoy no es que China subsidie exportaciones o que los salarios en este país sean "un plato de arroz", de hecho los subsidios han prácticamente desaparecido y los salarios aumentado bastante, el tema de fondo es la productividad de la mano de obra y el tipo de cambio. China tiene una moneda depreciada y Brasil (Argentina y Uruguay) muy apreciada, pero esto no es artificial, sino producto de la política fiscal. En efecto, mientras los chinos ahorran y con ello compran reservas, evitando la valorización de su moneda, en estos lares gastamos más de la cuenta, tenemos altos déficits fiscales que financiamos con dinero del exterior, al ingresa dólares que aumentan su oferta y, con ello, deprimen su precio. Casualmente estos dólares nos los proveen los países que ahorran, China entre ellos. Hace diez años, China apenas si producía autos y Brasil era un productor razonable (de baja calidad y por tanto no puede vender más allá de la región). Hoy China es el fabricante Nº 1 del

24 de Octubre de 2011 / 24 de Outubro de 2011

mundo de automóviles y con calidad en rápido ascenso. Este país empezó mucho después y nos "caminó por arriba". No fue su proteccionismo por cierto quien la hizo progresar, algo más debe haber, sería bueno que lo conociéramos y no nos quedemos en la exculpación, deporte favorito de América Latina. Es fácil culpar a terceros y si es China mejor, debemos mirarnos en nosotros y ver qué hemos hecho y por qué mientras otros han desarrollado industrias, nosotros no podemos y somos cada vez más productores de materias primas para terceros, con el riesgo que ello conlleva.

¿Y EL RESTO? Si bien no son parte del proceso de integración, al menos como fue concebido, hay otros asuntos entre los "socios", tanto o más importantes que los comerciales, que siguen sin resolverse, cuando no se toman medidas para dañar al otro. Son cuestiones de buena vecindad, que la normalidad en las relaciones entre países impone. La integración física es inexistente, los problemas con el suministro de energía y la inadmisión política argentina al respecto, el dragado del canal Martín García, las cuestiones medio ambientales y los informes que no se dan a conocer, los trámites de aduana para pasajeros de los países miembros, los "fondos estructurales" y muchos otros ejemplos, dan cuenta de la mentira institucionalizada. Al parecer lo único que queda es un tren que demora casi un día en ir de Montevideo a Buenos Aires (contando los tramos para llegar a los lugares de partida y llegada), el que obviamente no tiene pasajeros, salvo algún nostálgico o masoquista.

Ante este vacío, es imperioso para Uruguay de alguna manera zafar de esta cárcel utilizando todo lo que tiene a su alcance. Para ello nuestros negociadores deben tener instrucciones precisas respecto de apoyos o no pues siempre vamos a lograr algo. Esto hay que cambiarlo y Uruguay tiene mucho para hacer en ello, lo primero es tener un norte ¿lo tenemos?

24 de Octubre de 2011 / 24 de Outubro de 2011

Uruguay – El País

Parlasur: critican desigual bancada

El diputado nacionalista Daniel Peña (Movimiento enPro) sostuvo su "categórico rechazo" a la pretensión del gobierno de que se vote una ley sobre el funcionamiento del Parlamento del Mercosur" por considerarlo "un serio retroceso" para la integración paritaria de los países.

La semana pasada, cuando se consideró en Diputados el proyecto de ley "Funcionamiento del Parlamento del Mercosur", Peña rechazó la iniciativa porque modifica la integración del Parlamento del Mercosur, estableciendo diferentes representaciones para Brasil y Argentina respecto de Uruguay y Paraguay.

El diputado nacionalista dijo en la sesión que en la actualidad el Parlamento del Mercosur está integrado por 72 miembros, dieciocho por cada país.

"¿Cómo puede ser razonable que los uruguayos demos alegremente nuestro concurso para que, quedándonos nosotros con 18, Argentina y Brasil pasen a tener 43 y 75 miembros, respectivamente? Esa sería la integración luego del 31 de diciembre de 2014, según ha trascendido, por la aplicación del mecanismo que se ha pactado. Es comprensible que los socios grandes quieran hacer valer el peso de su dimensión; lo que no es nada razonable es que nosotros, los más débiles, lo avalemos alegremente", dijo.

Según Peña, esta modificación "rompe una regla de oro del Mercosur", que es que "la integración sea paritaria para todos y cada uno de los países que lo forman. Esta regla fue una conquista del Uruguay en el Tratado de Asunción y ha constituido la garantía de los países pequeños contra posibles desbordes de los más grandes en el proceso de integración regional", sostuvo el miembro informante nacionalista en la ocasión.